

Diálogos: um olhar sobre as tensões impostas pelo espaço no comportamento das personagens em *Os Dois Irmãos*, de Germano Almeida e *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum

Prof. Dr. Antonio Aparecido Mantovani¹ (UNEMAT)

RESUMO: O diálogo entre a literatura brasileira e a cabo-verdiana não se esgota nas décadas de 30 e 40. Este pode ser observado até a atualidade e com extensão para outras regiões brasileiras, além do Nordeste. A partir desta reflexão, este estudo tem como objetivo investigar, dentro do macrossistema literário de língua portuguesa e no âmbito das relações literárias contemporâneas entre Brasil e Cabo Verde, alguns pontos de contato entre os romances *Os dois irmãos*, de Germano Almeida, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Estas obras se aproximam numa abordagem comparativa, por alguns fatores como a hibridez cultural em virtude da imigração, o drama familiar causado pelo adultério, a coerção imposta pelos valores da sociedade, a casa que se desfaz associada à ruína das personagens e, a presença do mito da rivalidade entre irmão.

Palavras-chave: Literatura Cabo-verdiana, Literatura Brasileira, Estudos Comparados, Germano Almeida, Milton Hatoum.

A história que deu origem ao romance *Os dois irmãos*, segundo Germano Almeida, aconteceu na ilha de Santiago, por volta de 1976, quando ele, como Agente do Ministério Público², foi designado para a “acusação de ‘André’ pelo crime de fratricídio”. Passado o julgamento, e nunca se sentindo em paz, Germano escreveu o romance, no qual, segundo o próprio autor, a realidade se confunde com a ficção. Desta forma, a escrita parece, para além do ofício de escrever, ser uma maneira de o autor resgatar e compreender os motivos que levaram André (nome fictício) em sua volta a Santiago a matar o próprio irmão. Na verdade, a consumação do crime ocorre não pela vontade do infrator, mas pela intensa pressão social exercida sobre ele, principalmente por parte do pai que o ignorou completamente até a consumação do fratricídio, que repararia assim, a honra desfeita.

Diante do impacto do meio sobre André, tendo por consequência o desfecho do crime, não sabemos até que ponto essa personagem é realmente a culpada pelo fratricídio.

Por sua vez, o romance de Milton Hatoum centraliza o enredo na história dos gêmeos Yaqub e Omar, o caçula, e as relações destes com a mãe, o pai e a irmã, respectivamente: Zana, Halim e Rania. Nos fundos da mesma casa, localizada num bairro de Manaus, moram a empregada Domingas e seu filho Nael, um menino que anos mais tarde narra uma estória cheia de vingança, paixão e relações arriscadas, buscando a identidade de seu pai (Yaqub ou Omar).

A intriga tem seu início quando Yaqub é mandado para o Líbano, aos treze anos, para evitar o conflito entre os gêmeos. Como consequência dessa relação conflituosa, o inconsequente Omar estoca o rosto de Yaqub com uma garrafa estilhaçada, causando-lhe um grande corte e uma eterna cicatriz, porque ele havia recebido um beijo no rosto da dengosa mocinha Lívia, que atraía os dois irmãos.

Yaqub volta cinco anos depois, transformado num jovem calado, misterioso e cheio de ressentimentos. Mais tarde vai estudar em São Paulo, onde o frio da cidade parece contagiar

¹ Antonio Aparecido Mantovani, doutor. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Departamento de Letras – Campus Universitário de Sinop.

E-mail: aamanto@yahoo.com.br

² Essa afirmação consta do frontispício do romance *Os dois irmãos*, chamando a atenção do leitor para a veracidade da história que inspirou o autor a escrever o romance mencionado.

também seu temperamento, e ali se casa em segredo. Omar é mandado à Capital Paulista para tentar obter sucesso semelhante ao do irmão mais velho, e descobre que este havia se casado com Lúvia, a causadora do principal conflito na infância dos irmãos, o que torna a sua reconciliação impossível. Posteriormente Omar sente-se também traído nos negócios e espanca Yaqub, que planejará e executará friamente sua vingança.

Em *Os dois irmãos*, romance africano (1995), o fratricídio ocorre mais por pressão da comunidade que envolve André e João do que propriamente por desejo do fraticida. O forte impacto do meio sobre o irmão mais velho tem por consequência o desfecho do crime, ainda que essa personagem não tenha certeza da existência do adultério (supostamente presenciado pelo pai), o que talvez não “justificasse” a violência. Esta dúvida enriquece o texto e instiga o leitor, pois André se vê obrigado a cometer um crime de acordo com a expectativa e os valores de uma sociedade cujo código de honra está acima de tudo. Sendo assim, ele parece ser tão vítima quanto o próprio irmão.

Nesse romance, as personagens são impactadas pelo meio: este é o principal fator do conflito que desencadeia o crime. Ao retornar de Portugal, André encontra seu lar desfeito, “um velório”, palavras do narrador. Segundo o próprio pai, “a vítima tinha ultrapassado todos os limites do respeito e da decência debaixo do mesmo tecto” (ODI, p. 61). Ou seja, mesmo após o crime, o pai, autêntico representante da comunidade, não se arrepende da pressão exercida sobre André, ainda que a vítima fosse seu outro filho.

Encontramos neste romance um retrato de uma sociedade (a caboverdiana) repartida entre a tradição e a modernidade, entre a ruralidade e a urbanização, entre o isolamento e a comunicação. Ao começar a se abrir para o mundo, a sociedade de André começa a pagar o preço das interferências e mudanças. Esta personagem retorna da metrópole à Ilha de Santiago sem ideias de vingança, pois, após quatro anos na Europa, não partilha mais dos costumes e valores de sua aldeia ou, pelo menos, desconfia deles. Esta mudança é incompreensível e renegada pelos aldeões, que o desprezam.

André procura contrapor-se à exigência de uma reparação imposta por sua aldeia ao retardar uma vingança não pretendida por ele, mas não consegue realizar seu intento e cede, ao agir conforme ditava a tradição, ainda que em contraposição à própria vontade.

O filho eleito retorna da Europa, mas não é mais o mesmo. Ele não pertence mais à sua aldeia, ainda que não seja um europeu. André agora se encontra num “espaço de fronteira” entre estes dois mundos: o europeu e o de sua comunidade. Ainda que não seja este o objeto da pesquisa, podemos também mencionar a presença de outras fronteiras no romance, como o limite entre ficção e História, uma vez que o autor invoca a veracidade da narrativa no frontispício do livro, estabelecendo assim um diálogo entre os dois campos.

O romance compõe-se, pois, de um diálogo entre a História e a ficção. Avultam no texto duas mentalidades antagônicas e inconciliáveis: a mentalidade da aldeia arraigada a valores ancestrais e imutáveis, e a de André, emigrante em conformidade com valores europeus. Essa personagem não comunga mais com a necessidade de sua comunidade de cometer um crime para vingar-se de um suposto adultério. Porém, a mentalidade primeira (coletiva) sobrepõe-se à última (individual), e, por isso, ainda que contra sua própria vontade, André torna-se num mero instrumento de um mandado popular ao assassinar o irmão:

O Réu não tinha sido senão um mero instrumento de execução de um irrevogável mandado popular, tão ínsito na consciência daquele povo que o seu desrespeito teria sido um escandaloso ultraje a valores que estão muito acima e muito para além da consciência individual (ODI, pp. 14-15).

Por se tratar de uma comunidade crioula (ainda que o português seja a língua oficial de Cabo Verde, a língua caboverdiana é a falada no cotidiano da comunidade e o idioma português

(principalmente o utilizado na linguagem do Direito), é quase totalmente incompreensível para a aldeia, com o agravante de que as leis são instituídas com base numa cultura europeia (as Ordenações portuguesas). Desta forma, os membros da comunidade santiaguense se sentem triplamente exilados em sua própria terra, por se sentirem julgados como estrangeiros, por estrangeiros e numa linguagem também “estrangeira”. Portanto, não há saída para André, ainda que o fratricídio como vingança de adultério faça parte de um comportamento usual à recuperação da “dignidade perdida” em face das razões socioculturais de sua comunidade: ele será condenado por uma lei europeia que desconhece a cultura local, caboverdiana.

No mesmo mote, também na obra de Milton Hatoum o comportamento das personagens é impactado pelo ambiente. Yaqub, ao ser mandado para morar no Líbano, distancia-se da família para sempre. Ao retornar ao lar, sente-se um estrangeiro na própria terra. Sendo assim, resolve voluntariamente ir morar em São Paulo.

Segundo Marleine Marcondes

Somente Yaqub aparentava não se enquadrar nos padrões de conduta local. A vinda para São Paulo, lugar frio e sério, insinua que ele encontrara, enfim, seu verdadeiro habitat (...).

O mesmo não ocorreu com Omar. A ida a São Paulo obrigou-o a colocar uma máscara temporária de “seriedade” e “juízo”, no intuito de não ser escorraçado de imediato pelos demais, mas o engodo foi descoberto, pois ele era um “peixe fora d’água” (TOLEDO, 2004, p. 79).

Como propõe a pesquisadora, o espaço (habitat) é de fundamental importância para o fortalecimento da personagem. Os irmãos Yaqub e Omar tinham seus domínios cada um em seu próprio espaço: o primeiro identificava-se com São Paulo onde se forma engenheiro e enriquece; o último, com Manaus, cidade propícia ao seu jeito de viver. Sobre a ligação entre as personagens e determinados ambientes, afirma Georges Poulet:

As personagens não estão somente ligadas a suas aparências, é preciso ainda que estas estejam ligadas a um determinado ambiente local que as enquadre e lhes sirva, por assim dizer, de estojo ou cofre (...).

Os seres cercam-se dos lugares nos quais se descobrem, tal como se veste uma roupa que é, ao mesmo tempo, um disfarce e uma caracterização (1992, pp. 30-31).

Desta forma, não adiantaria Omar tentar obter sucesso semelhante ao do irmão na Capital Paulista, aquele não era seu espaço, não se adaptava ali, e, após roubar o irmão, retornou a Manaus, lugar onde se sentia à vontade para as suas noitadas, com a cumplicidade da irmã e da mãe. A estreita ligação entre Omar e Manaus e seu entorno oferece-lhe prazer e segurança, uma vez que o ambiente manauara no qual essa personagem se insere serve-lhe de esconderijo durante suas fugas.

Por seu turno, a identificação de Yaqub com São Paulo, como já se disse, dá-se a partir da própria natureza dessa personagem, representada “fria e solitária” como a capital paulista: “Com poucas palavras, Yaqub pintava o ritmo de sua vida paulistana. A solidão e o frio não o incomodavam; comentava os estudos, a perturbação da metrópole, a seriedade e a devoção das pessoas ao trabalho” (DI, p. 59). Os recursos que essa cidade oferecia, bem como o anonimato que ela proporcionava aos seus habitantes era o que essa personagem precisava para crescer e se preparar “para dar o bote: minhoca que se quer serpente, algo assim. Conseguiu. Deslizou em silêncio sob a folhagem” (DI, p. 61), friamente planejou e executou sua vingança que aniquilou definitivamente o irmão.

Em *Dois irmãos* (2000) também sobre a estreita ligação entre espaço e personagens. Nesta obra, à medida que o narrador desenvolve a estória dessas, narra concomitantemente a estória de

Manaus, seu crescimento transformado depois em ruínas e sua transição para uma “outra” cidade. As ruínas de Manaus estão diretamente ligadas às derrocadas de suas personagens.

Tomando como exemplo, a estória da Manaus antiga, um dos pilares do romance, está ligada principalmente à de Halim, o patriarca. Um dos momentos mais comoventes do romance é quando esta personagem presencia, atônito, a destruição da cidade flutuante, um bairro que flutuava sobre o Rio Negro, freqüentado por Halim onde moravam seus velhos amigos:

Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubadas. Erguia a bengala e soltava uns palavrões, gritava “Por que estão fazendo isso? Não vamos deixar, não vamos”, mas os policiais impediam a entrada no bairro. Ele ficou engasgado, e começou a chorar quando viu as tabernas e o seu bar predileto, A Sereia do Rio, serem desmantelados a golpes de machado (DI, p. 211).

Com a destruição da cidade flutuante, Halim vê parte de sua vida destruída. Para ele, aquela destruição representava o fim de muitos momentos felizes e de tantas estórias que só ficariam na memória.

Destruída a cidade e tudo o que ela representava, acrescido o desgosto causado pelos filhos, sobretudo Omar, ao naufrago Halim só resta esperar pela morte física (anatômica) que não demora a chegar.

Como se vê, os ambientes³ em que se desenvolvem as duas narrativas, longe de meros cenários das diegeses, impactam e interferem no comportamento das personagens envolvidas na trama de acordo com o contexto em que estão inseridas. Sobre o conflito fraterno, em *Dois irmãos*, Yaqub vinga-se de Omar e paga o preço do desprezo da própria família, enquanto em *Os dois irmãos*, André, ainda que condenado pelas leis estabelecidas, é de antemão absolvido e acolhido como herói em sua comunidade. Em síntese, de acordo com o ambiente, a vingança pode ser considerada um crime (em Hatoum) ou uma reparação, (em Germano).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, G. de. *Os dois irmãos*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

ALMEIDA, H. Hatoum, O salto da vida para a arte. *Jornal da Tarde*, São Paulo, sábado, 8 jul. 2000.

ARCE, B. C. Tempo, sentidos e paisagem: os trabalhos da memória em dois romances de Milton Hatoum. In: *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Org. Maria da Luz Pinheiro de Cristo. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas / UNINORT, 2007.

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CANDIDO, A. A personagem do romance. In: *A personagem de ficção*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Degradação do espaço. In: *Revista de Letras*. Assis, vol. 14, pp. 7-36, 1972.

CRISTO, M. da L. P. de. *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um Certo Oriente e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas /

³ Preferimos esta terminologia quando entendemos o espaço físico, social e psicológico ultrapassa ele limite havendo uma interação com a personagem.

UNINORT, 2007.

_____. *Relato de uma cicatriz: a construção dos narradores dos romances Relato de um Certo Oriente e Dois Irmãos*. Tese de Doutorado/USP: São Paulo, 1995.

FREIRE, J. A. T. *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Tese de Doutorado/USP: São Paulo, 2006.

GANDARA, P. *Construindo Germano Almeida: a consciência da desconstrução*. Lisboa: Nova Vega, Ltda, 2008.

GOMES, S. C. *Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1993.

HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PADILHA, L. C. *O espaço do desejo: uma leitura de A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: EDUFF – Editora Universitária, 1989.

POULET, G. *O espaço proustiano*. Trad. Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1992 (Biblioteca Pierre Menard).

TOLEDO, M. P. M. e F. de. *Entre olhares e vozes: foco narrativo e retórica em Relato de um certo oriente e Dois irmãos, de Milton Hatoum*. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

TOMACHEVSKI, B. Thematique. *Teoria da literatura / os formalistas russos*. Org. Dionísio de Oliveira Toledo. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.